

# Críticas e sugestões sobre o Plano de Intervenção Pedagógica das Escolas da SEE-MG

Gustavo F. Grizzuti\*

---

**Resumo** – O objetivo deste estudo é propor um novo enfoque no ensino de língua centrado no aluno, tanto na linguagem oral como na escrita, de acordo com o plano de intervenção pedagógica da Secretaria do Estado de Educação Minas Gerais. Para melhor compreensão, é apresentada a aplicação de exercícios funcionais, além da forma de abordar o tema dos gêneros comunicativos no ensino da língua escrita/falada tanto na Língua Portuguesa quanto em Língua Estrangeira (espanhol e inglês) e da classificação destes gêneros segundo M. Bakhtin e L. A. Marcuschi.

**Palavras-chave:** auto-estima, gêneros do discurso, lógica.

---

## I. Introdução

Uma grande preocupação acontece na área da educação do Estado de Minas Gerais em função da publicação dos resultados da avaliação da língua portuguesa.

Escolas com avaliação acima ou abaixo do esperado, gestores, professores e pedagogos com auto-estima baixa, pois viram cair pelo chão seu esforço e trabalho numa prova de duas matérias somente, o que parece às vezes irracional. Além disso, e sem uma estrutura piramidal ou hierárquica como ensinam Hans Kelsen na Teoria Pura do Direito, ou lógica segundo Von Wright, George Henry<sup>2</sup> temos a falta de certeza de ser ou não contraditório por parte dos PCN. Avaliar os alunos com critérios parcelados de conteúdos “baixados” deixando de fora a questão da duvidosa classificação em habilidades, competências<sup>3</sup>, como dos professores é exigido no planejamento. Muitos temos esse ponto de vista sobre o tema.

Nesse sentido, acreditamos que o desempenho individual insatisfatório ou não da criança não depende unicamente de uma prova. Alegria para uns, mas tristeza sem fim para muitos.

Somos muitos ainda que, perante tais resultados e perante o sistema atual da avaliação externa, não falamos simplesmente “Amém!”.

A situação nos lembra a música “O que será?”:

“(…) o que não faz sentido,  
o que será, que será,  
(…) Que o mesmo padre eterno que nunca foi lá  
ira abençoar o que não tem governo, nem nunca terá  
o que não tem juízo (…)”<sup>4</sup>

A questão é que coexistem várias disposições chamadas leis simplesmente por serem obrigatórias. A nossa Constituição Federal, a nossa Constituição Estadual a LDB, os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN, o Ciclo Básico Comum, as orientações curriculares, o Plano Político-pedagógico de cada escola, o planejamento dos professores, agora os descritores e, por último, o Plano de Intervenção. Mas será que todos eles coexistem sem contradição e sem prioridade?

Qual é a hierarquia de tudo isso? Por onde começar? Pelos textos legais “*stricto sensu*”, isto é, pelos que passaram pelo Congresso Federal? Pela Assembléia Legislativa? Ou pelos textos “*lato sensu*”: disposições, portarias sem debate nem representação parlamentar nem sabatinas?

Neste contexto de avaliação da SEE e parafraseando Noel Rosa<sup>5</sup>

“(…) E eu pergunto com que livro, com que livro  
eu vou para a aula, que você me convidou?”(…)

é possível cumprir ou chamar essa constelação que parece irracional de “Direito, ou legislação educacional ou educativa”?

A obrigatoriedade ou o modo imperativo é só uma das várias características

da linguagem normativa e não a única. Creio que, no caso, o que tem de linguagem normativa ou jurídica nesse emaranhado de disposições é o fato de ser um monólogo sem univocidade, polissemia<sup>6</sup> próprias de ordens de caráter militar mal-formuladas.

Neste sentido, e segundo o Estado Democrático de Direito, o catedrático da Universidad de Barcelona, Dr. Santiago Mir Puig, expressa que:

“(…) O legislador democrático, pelo contrario, tem de facilitar que suas normas possam ser valorizadas corretamente pelos cidadãos, pois sua legitimidade depende de um consenso originado em condições válidas - entre as quais conta o máximo conhecimento possível dos valores afetados positiva e negativamente pelas normas (...) A autoridade que não admite que suas normas sejam contestadas não considera necessário motivar-las apelando a sua racionalidade, porque fazer isso debilitaria a idéia de que basta sua vontade para impor elas e daria a entender que a legitimidade de suas normas não depende somente de seu poder, senão também de que suas valorações sejam aceitas por seus destinatários. (...)”. Tradução própria <sup>7</sup>.

Com igual força, a Doutora Irma Kappel ensina:

“Heterogeneidade e Polifonia. Em uma concepção que considera o dialogismo como princípio constitutivo e fundador da linguagem e como condição do sentido do discurso, Bakhtin (2000) foi o primeiro estudioso a elaborar os conceitos de polifonia e heterogeneidade, defendendo a idéia de que todo texto é um objeto heterogêneo, constituído por várias vozes.” <sup>8</sup>

Creio que se o sábio M. M. Bakhtin lera aquele emaranhado de disposições da educação chamadas legais diria: Quanto silêncio! Ou, cadê a dialogicidade dos textos ou gêneros do discurso nesta área educacional? Cadê os enunciados e enunciadores na legislação educacional?

2

As perguntas sobre como e o que ensinar que deveriam estar resolvidas na universidade voltaram com muita força na atividade pedagógica - docente.

Conta-se com excelentes professores, pedagogos e escolas, mas quase todos viram sua tarefa diária reduzida a uma simples classificação de alunos “em baixa / intermediária / aceitável”.

Em meio a isto, muitos pais, mães, às vezes ausentes, outras com compromisso ou preocupação com a educação dos seus filhos e com a escola..

Governo, melhor nem falar... Parecia que todo mundo estava errado menos os educadores de escritório hoje chamados de avaliadores.

“Não se teve presente que um bom desempenho escolar é muito importante para a integração da personalidade infantil e o desenvolvimento da auto-estima. Assim torna-se necessário oferecer à criança todas as condições para atingi-lo. No entanto os especialistas alertam para o fato de que cada pessoa tem seu próprio ritmo de crescimento, compreendendo várias etapas. É importante saber que esse crescimento não ocorre de forma linear. Muitas vezes deve-se aceitar, com tranqüilidade e objetividade, paralisações e retrocessos.” (JORNAL DO SENADO. 20 a 26 de agosto de 2007. p.20) .

Por fim, parece que ficou decidido que é melhor começar pelo aluno, quer dizer, centrar o tema na sua aprendizagem.

## II. Os gêneros do discurso

2 Para M. Bakhtin, todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua: “(...) Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana, o que não contradiz a unidade nacional de uma língua.”(BAKTIN. M.M. p. 248.tradução própria).

A utilização de uma língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes de uma ou de outra esfera da atividade humana.

O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais, mas também e, sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolivelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso. (BAKTIN. M.M. p. 248. Tradução própria).

Por isto as variedades dos gêneros do discurso são amplas e quase sem limites visto que a atividade humana é inesgotável pois comporta um repertório de gêneros que se amplia à medida que a esfera fica mais complexa em termos de relacionamento e diálogo.

### **III . Gêneros comunicativos**

Bakhtin considerava infinitos os gêneros discursivos (2005, p.248) mais a heterogeneidade dos gêneros do discurso (orais e escritos) .

Segundo as teorias sobre tipologias de texto mais modernas, tanto no exterior (Klaus Binker etc.) como no Brasil (L. A. Marcuschi UFPE, UFTM, citado nos documentos chamados Ciclo Básico Comum e nas Orientações Curriculares 2006, etc.) é possível hoje falar de gêneros comunicativos em vez de gêneros textuais.

Através desta nova denominação/classificação se inclui os gêneros escritos e falados, unindo os dois conceitos em torno de uma só denominação e classificação que, neste trabalho, pretende-se explicar, e aplicar na atividade de ensino/aprendizagem.

Assim, o conceito sobre a literatura na escola de muitos dos grandes mestres no tema é:

(...) Na verdade a literatura não é um tipo de texto protótipo de escrita. Pode-se dizer que uma literatura do tipo que escreveu Pedro Nava em suas memórias seja prototípica da escrita, mas os romances ou contos de Guimarães Rosa não são. Nem os contos de Fernando Sabino. Já se pode tomar como prototípica a literatura do tipo que escreveu Joaquim Nabuco ou Rui Barbosa. Nem Machado de Assis é um protótipo da escrita em termos de características. Uma sugestão seria a proposta no seguinte esquema geral (...).

Segundo essas afirmações, entendemos e coincidimos que nem toda literatura, chamada escolar, ensina o que se propõe: aprendizagem.

#### IV. O enfoque centrado no aluno

Um dos postulados desta nova classificação em Gêneros comunicativos é o de que o aluno deve **saber utilizar a linguagem escrita e oral em diferentes usos e situações**, pois não adianta na aprendizagem decorar ou ler literatura em quaisquer de seus gêneros, por ser esta uma linguagem fictícia e não real.

4 Acreditamos que é possível evitar copiar e criar artificialmente situações sociais na escola que nada têm a ver com a realidade dos alunos, porque isto desestimula a importância do uso da linguagem, de sua apropriação tanto no que concerne a discursos sociais em geral, quanto à literatura, cuja característica é a polifonia e a plurissignificação ou polissemia.

Na minha época, ler textos literários presumia fazer uma ficha do livro, um resumo ou alguma apresentação, por equipes, de textos que não tenho certeza se muito ajudaram a aprender tanto ler quanto escrever ou falar, pois todo mundo lia, escrevia e falava.

Líamos, entre outros, textos do chamado “Século de Ouro Espanhol”: Lope de Vega, Miguel de Cervantes, entee outros, e de outros períodos: Quevedo, Manrique, Moratín e do nosso Shakespeare espanhol: F. García Lorca<sup>9</sup>.

Lidávamos com uma linguagem que pouco ou nada se relacionava com a nossa realidade e contexto.

Por toda a cidade, os muros, também das escolas, estavam pintados com a frase: “Perón Vuelve”<sup>10</sup>.

Era possível debater esse ensino em sala? Sim, mas quem tinha coragem de falar tantas palavras difíceis? Para que a turma ia “falar errado” perante o mestre? Além disso, as avaliações eram escritas.

Dos hispano-americanos com certeza líamos José Hernández<sup>11</sup>, Jorge L. Borges<sup>12</sup>, Roberto Arlt<sup>13</sup>, Julio Cortázar<sup>14</sup>, H. Quiroga<sup>15</sup> etc.

Entre os não aceitos por não ser, a partir daquela visão, obviamente “literatura”: Juan D. Perón, Evita, Arturo Jauretche<sup>16</sup>, O. Bayer<sup>17</sup>, o livro “Quem matou a Rosendo?” de Rodolfo Walsh<sup>18</sup>, o tango “Cambalache” de Enrique Santos Discépolo (nosso Noel Rosa) e outros tantos.

Logo nos anos 70, chegaram as “listas negras” e “o chumbo”. Proibidos: Héctor J. Cámpora<sup>19</sup>, Salvador Allende<sup>20</sup>, “El Che”<sup>21</sup>, E. Galeano<sup>22</sup>, Victor Jara<sup>23</sup> Onneti, P. Neruda<sup>24</sup>, R. Ortega Peña<sup>25</sup> e E. Duhalde<sup>26</sup>, Rodolfo Puigross<sup>27</sup>, Hernández Arregui<sup>28</sup>, Silvio R. Frondizzi<sup>29</sup> etc.<sup>30</sup> (Entre amigos comprávamos, líamos e logo queimávamos por medo de sermos também desaparecidos).

Nas aulas de língua o professor passava umas frases do livro didático para identificarmos qual era o modo e tempo verbal, o sujeito, o predicado, o advérbio, complementos, objetos diretos e indiretos, metáforas etc. e que a cada ano eram mais e mais complicadas: frases enormes tiradas de grandes mestres daquela literatura.

No entanto, não deixávamos de falar excelentes palavras, gírias próprias da cidade, da idade... 2

Não se quer tirar o mérito de ensinar os gêneros literários, mas a sugestão desta proposta é apresentar outro enfoque. Mudar para que o **aluno**:

1) Tenha menos dificuldade do uso da língua na vida (leia-se diferentes lugares

onde ele está ou vai interagir/ dialogar: família, escola, trabalho etc.).

2) Possa lidar com uma língua real e não simplesmente escolar no sentido de uma linguagem que só se fala/escreve para o professor ou a professora.

3) Evite que seus textos tenham como único destinatário o professor.

4) Consiga adequar sua linguagem a cada situação.

5) Aprenda, na medida do possível, o chamado registro (formal e coloquial) da língua.

6) Acrescente, aos poucos, uma melhora na resolução dos problemas sintáticos e ortográficos.

## V - O enfoque na atividade docente

Com o intuito de apresentar outro olhar sobre o enfoque do professor apresentamos a seguinte sugestão:

1) O problema complexo – e cotidiano –, quer dizer, resolve-se na prática do ensino de língua de formas às vezes contraditórias: corrigir ou não, habilitar vozes ou fechar vozes, permitir ou censurar.

2) O falso dilema de “misturar o código do aluno com a linguagem escolar”, criando uma língua “a meio caminho entre a linguagem dos alunos e a linguagem propriamente escolar”.

3) Pretende-se com este enfoque que o professor:

a) não se sinta obrigado unicamente a corrigir erros semânticos, de acentuações etc;

b) possa quebrar ou sair da dicotomia entre o ensino de língua escrita/língua falada;

c) não seja o exclusivo destinatário ou receptor da língua escrita ou falada do aluno;

d) possa evocar modelos globais tanto de textos como de situações reais e não simplesmente escolares naquele sentido acima mostrado;

e) descarte qualquer técnica behaviorista ou mecanicista no ensino de línguas.

Nesse sentido, Marcuschi começa pelo desenvolvimento das funções dos textos (escritos ou falados). Deste modo, poderíamos construir elementos lingüísticos que têm, sem dúvida, a força de evocar modelos globais tanto de textos como de situações:

“bom dia” – Em qual evento diria isso?

“até logo” – Em qual evento diria isso?

“em que posso servi-lo?” – Em qual evento diria isso?

“será um prazer tê-lo como nosso cliente”. – Em qual evento diria isso?

“hoje nosso tema versará sobre o comércio exterior” – Em qual evento

diria isso? “alô!, com quem estou falando”. – Em qual evento diria isso?

“é um prazer imenso poder dirigir-lhes a palavra nesta noite de festa...”

“as hipóteses de trabalho aqui analisadas levam a seguinte conclusão...”

“você conhecem aquela do português que veio ao Brasil nadando?

“era uma vez” . – Em qual evento diria isso?

“dizem que o caso foi assim...” – Em qual evento diria isso?

“emagreça 6 quilos por semana...” . – Em qual evento diria isso?

“mantenha sua forma com...” – Em qual evento diria isso?

“quanto custa uma...?. – Em qual evento diria isso?

“oi gente, desculpem o atraso”. – Em qual evento diria isso?

Também poderíamos tentar a **estratégia inversa**, ou seja, relacionar designações de formas textuais e solicitar aos alunos que indiquem expressões daqueles eventos (...) Por outro lado, também não seria difícil identificar o tipo de linguagem adequado .

Assim, por que não trabalhar esta metodologia nas três línguas: Português, Espanhol e Inglês ?

o seguinte exercício é um exemplo desta estratégia inversa, sem desconsiderar 2 outras excelentes que com certeza poderão ser criadas pelos docentes:

1) “Perante um jurado como cumprimentaria ao entrar/sair da sala?”

A) ...

B)...

C).....

2) “Como explicaria um problema pessoal para um colega?”

A)...

B)...

C)...

3) “Como explicaria o mesmo problema para o seu pai?”

A)...

B)...

C)...

“Como explicaria o mesmo problema para seu médico?”

A)...

B)...

C)...

(Outras)

Este enfoque através de exercícios está sendo aplicado nas provas D.E.L.E. do Instituto Cervantes – Espanha.<sup>31</sup> e no Centro de Línguas da Faculdade de letras da U.B.A. da República Argentina.

Ainda segundo Marcuschi: “(...) Cabe à escola trabalhar essas intuições e fazer com que os alunos desenvolvam sua sensibilidade para as marcas a fim de produzirem as formas adequadamente.”

## VI. Conclusão

Pelo anteriormente exposto consideramos fundamental mudar o enfoque da educação e do ensino/aprendizagem, se é que já não se vem fazendo isto.

Sugerimos outra metodologia, exposta anteriormente, para o desenvolvimento do “baixado” e “democratizado” Plano de Intervenção exigido pela Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais.

A inclusão desta proposta não descarta outras nem pretende ser um esquema fechado nem rígido, pelo contrário, esta proposta poderia ser considerada como um dos muitos outros itens a ser incluídos e trabalhados na área de línguas.

Pois:“(…) a língua, além de ser uma convenção e uma imposição social e histórica, pode ser um exército com capa e espada, que serve para lutar, para resistir”<sup>32</sup>

## Referências

BAJTÍN, Mijail M. “**Estética de la creación verbal**”. Siglo XXI editores Argentina. 2005 República Argentina. ISBN 987-1105-20-07

ITURRIOZ Paola. “**Lenguas propias. Lenguas Ajenas. Conflictos en la enseñanza de la lengua**” p.17. Editora Libros del Zorzal. Argentina. Ano 2007.

JORNAL DO SENADO Ano XIII - Edição Semanal - n.º. 2.651/140. Brasília, 20 a 26 de agosto de 2007. p.20 .

KAPPEL, Irma B.Araujo . “O Discurso Institucional Legal do Ensino Religioso”. Universidade Estadual Paulista Faculdade de Ciências e Letras Campus de Araraquara 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio.”Por uma proposta para a classificação dos gêneros textuais”. UFPE 1996 Versão provisória.

II CONGRESO DE LAS LENGUAS. Buenos Aires. República Argentina . 18 a 21 de julho de 2007.

MIR PUIG, Santiago “**VALORACIONES, NORMAS Y ANTIJURIDICIDAD PENAL**”, p.5 Em: Revista Electrónica de Ciencia Penal y Criminología ARTÍCULOS ISSN 1695-0194 RECPC 06-02 (2004) RECPC 06-02 (2004) \_ <http://criminet.ugr.es/recpc> \_ ISSN 1695-0194. *Catedrático de*

\* **Gustavo F. Grizzuti** é Advogado OAB 77997, Licenciado em Língua Espanhola pelo CEFET-PR. Especialista em Metodologia do Ensino-aprendizagem de Língua Estrangeira-Espanhol - UNIUBE.. Membro da A.A.D.E. (Associação Argentina de docentes do Espanhol). Diploma Superior de Espanhol pela Universidad Nacional de Lanús da República Argentina. Diploma Superior de Espanhol pela Universidad de Salamanca- Espanha. Membro do GPELLP – UFTM (Grupo de Pesquisa E Estudo Em lingüística e Língua Portuguesa: Área: Lingüística ou normativa . Trabalha cono professor de Língua Espanhola em Escola Pública de Minas Gerais.  
**Endereço eletrônico:** grizzuti@terra.com.br

<sup>2</sup> Von Wriqth, Georg H. “Hay una lógica de las Normas”. Disponível em: Cervantes.com.es

<sup>3</sup> Fernando Selmar Rocha Fidalgo e Nara Luciene Rocha Fidalgo “A lógica das competências e a certificação profissional “ em “Diálogos sobre Trabalho, perspectivas multidisciplinares pág.135/153. Papyrus Editora. 1ªEd.ISBN 85-308-0790-1

<sup>4</sup> Chico Buarque de Holanda e Daniel Viglietti.

<sup>5</sup> Poeta e sambista brasileiro 1910 RJ.”Com que roupa”

<sup>6</sup> KAPPEL, Irma . “O Discurso Institucional Legal Do Ensino Religioso”. Universidade Estadual Paulista Faculdade De Ciências E Letras Campus De Araraquara 2003. pág. 64 Tese formatada.

<sup>7</sup> Mir Puig, Santiago. Catedrático da Universidad de Barcelona.”(...)El legislador democrático, por el contrario, ha de facilitar que sus normas puedan ser valoradas correctamente por los ciudadanos, puesto que su legitimidad depende de un consenso generado en condiciones válidas —entre las cuales cuenta el máximo conocimiento posible de los valores afectados positiva y negativamente por las normas. (...) La autoridad que no admite que sus normas sean contestadas no considera necesario motivarlas apelando a su racionalidad, porque hacerlo debilitaría la idea de que basta su voluntad para imponerlas y daría a entender que la legitimidad de sus normas no depende solamente de su poder, sino también de que sus valoraciones sean aceptadas por sus destinatarios. P.5/6

<sup>8</sup> KAPPEL, Irma. “O Discurso Institucional Legal do Ensino Religioso”. Universidade Estadual Paulista - Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara 2003. p.61. Tese formatada.

<sup>9</sup> Assassinado pela ditadura Franquista na guerra civil espanhola

<sup>10</sup> Perón volta (tradução própria.)

<sup>11</sup> O mais importante escritor e poeta argentino do século XIX autor de “Martín Fierro”.

<sup>12</sup> Prêmios vários: entre eles: O Cervantes, doutor “honoris causa” por mais de 15 universidades do

mundo

<sup>13</sup> Imigrante naturalizado argentino. (pertencente ao grupo literário denominado “Boedo”)

<sup>14</sup> Escritor argentino, exilado na França autor de “Octaedro”, “Rayuela “De todos los juegos el fuego” “Historías de cronópios y fama” etc.

<sup>15</sup> Escritor uruguaio, mais com atuação na República Argentina, em Buenos Aires e na fronteira com o Brasil no século XIX e XX.

<sup>16</sup> Fundador do grupo de intelectuais chamado FORJA (Fuerza de orientación de la Joven Argentina)

<sup>17</sup> Escritor argentino exilado 1975/1984. Autor de “La Patagonia Trágica”

<sup>18</sup> Escritor e jornalista argentino desaparecido logo de enviar no ano 1976 o texto “Carta Aberta a Junta Militar”.

<sup>19</sup> Odontólogo e político justicialista. Ex- Presidente da República Argentina 1973 -1974 com a chapa Cámpora – Vicente Solano Lima pelo FREJULI (Frente justicialista para la liberación Nacional) Preso pois não lhe foi permitido pela junta militar a saída do país apesar de ter o asilo político de México. Morto na embaixada do México na República Argentina. Ex- Presidente do Senado Federal no primeiro e no segundo governo de Juan D.Perón até o golpe de 1955 quando foi preso sem juiz e sem processo no presídio de Trelew no extremo sul da República Argentina.

<sup>20</sup> Assassinado pela CIA.

<sup>21</sup> Assesinato encomendado supostamente pela CIA

<sup>22</sup> Escritor, advogado e historiador uruguaio autor de “As Veias abertas da América latina”.

<sup>23</sup> Cantor chileno assassinado pela ditadura pinochetista no campo de concentração conhecido como “El estadio”. Sua única arma era o violão.

<sup>24</sup> Poeta chileno, Prêmio Nobel de Literatura

<sup>25</sup> Advogado militante, Deputado Federal assassinado pela organização criminosa Triple AAA (Alianza Anticomunista Argentina)

<sup>26</sup> Advogado militante, socio de R. Ortega Peña com quem defendia presos políticos. Autor de entre outros livros “Baring Brothers y la Historia Política Argentina”. Atual Ministro de DH do Presidente N. Kirchner.

<sup>27</sup> Advogado, historiador e escritor. Ex reitor da Universidad Nacional de Buenos Aires.

<sup>28</sup> Historiador e escritor argentino.

<sup>29</sup> Advogado, assassinado pela organização Triple AAA (Alianza Anticomunista Argentina), Era o irmão do ex Presidente Arturo Frondizzi

<sup>30</sup> Em julho deste ano assistimos em Buenos Aires ao “II Congreso de las Lenguas” no dia 18 ao 21 de julho e aí se constatou mais de 1500 escritores desaparecidos com idades entre 12 e 70 anos.

<sup>31</sup> Disponível em: [www.cervantes.es](http://www.cervantes.es) Acesso 12/08/07

<sup>32</sup> Iturrioz Paola. “Lenguas propias Lenguas Ajenas. Conflictos en la enseñanza de la lengua” p.17. Editora Libros del Zorzal. Argentina. Ano 2007.

---

**Abstract** – The aim of this study is the proposal of a new direction in teaching languages which centers in the student as a speaker and as a writer according to the pedagogic intervention plan of the *Secretaria do Estado da Educação – MG*. For a better comprehension, it is presented the application with function exercises, besides how to show the theme of communicative genders in teaching languages, in its oral and written forms, in our motherly idiom as well as in foreign languages (Spanish and English) and about the classification of these genders according to M. Bakhtin and L. A. Marcuschi.

**Key-words:** self-regard, genders of speech, dialectics.

---